

Entrevista¹ com Dilséa Adeodata Bonetti²

SS&S – Bom dia professora. É um prazer conversar com a senhora, especialmente considerando sua contribuição para o campo do Serviço Social. A senhora poderia nos contar como foi o seu encontro com a profissão?

PROF.^a DILSÉA – Eu sempre admirei esta profissão. Eu comecei a fazer Serviço Social tarde. Conheci algumas assistentes sociais e admirava muito o trabalho delas. Não só o trabalho, mas elas como pessoa. Quando tive condição de fazer uma faculdade eu optei pelo Serviço Social e não me arrependo, foi maravilhoso. O assistente social tem uma marca que fica nele. Eu sou muito feliz de ter feito Serviço Social. Fiz o primeiro ano em Campinas. Vocês lembram da Madre Maria de Mesquita? Na época, ela era a diretora. Em seguida, eu mudei para São Paulo e me transferi para a PUC. Fiz o segundo ano lá e, aí, ela foi incorporada à PUC São Paulo e transferida da Rua Sabará para a Rua Monte Alegre onde eu fiz os outros anos e terminei a Faculdade. Meu encontro com a profissão foi através das assistentes sociais. Eu achava muito bonito o jeito como elas trabalhavam. Era a época da ditadura militar. O Serviço Social sempre foi muito aberto e muito politizado. Eu me lembro que na época da ditadura³ eles invadiram a PUC São Paulo. Trabalhei durante muitos anos na PUC São Paulo e tenho uma profunda admiração e vou sempre falar bem desta Universidade,

O Serviço Social sempre foi muito aberto e muito politizado.

¹ Entrevista realizada pela equipe da SS&S na residência da entrevistada, na cidade de São Paulo em 14 de fevereiro de 2009.

² A autora é mestre e doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo sido durante trinta anos professora titular da PUC São Paulo. É autora do livro: *Serviço Social e Ética: Convite a uma nova Práxis* publicado pela Editora Cortez e coautora dos livros: *Construção de uma política interinstitucional de defesa dos direitos de convivência familiar e comunitária das crianças e adolescentes de São Paulo*, CECOAS/SAS de 2004 e *Assistência Social na Trajetória das Políticas Sociais Brasileiras*, Editora Cortez, de 2005.

³ Refere-se à noite de 22 de setembro de 1977, quando a tropa de choque da Polícia Militar e agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), sob o comando do coronel Erasmo Dias, na época Secretário de Segurança Pública de São Paulo, invadiram as dependências do campus da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

pois lá fui muito feliz. Só tenho coisas boas para me lembrar tantos dos alunos, como das colegas, quanto do ambiente e do trabalho. Tive a felicidade de trabalhar na época da Nadir Gouvêa Kfour⁴.

SS&S – Como foi a experiência de viver esse primeiro momento de organização dessa grande Universidade?

Você não faz nada na vida sem pesquisa, a pesquisa é que move o mundo, o mundo da ciência. [...] As coisas estão mudando e a pesquisa é que vai mostrando isto. Eu não vejo nada na vida, principalmente na vida profissional, sem pesquisa.

PROFª. DILSÉA – Comecei lecionando a disciplina de pesquisa e nunca respondi por outra disciplina. Sou apaixonada por pesquisa. Logo depois quando abriu a Pós-Graduação a Suzana⁵ me chamou para dar aula de Pesquisa. Trabalhei com a Gilda Perosa⁶ uma socióloga maravilhosa que era professora da UNICAMP e da USP. Com ela eu comecei a ir para a classe – porque naquela época ainda podia acompanhar uma professora – depois eu fiquei responsável pela disciplina. Você não faz nada na vida sem pesquisa, a pesquisa é que move o mundo, o mundo da ciência. Sem a pesquisa você fica estagnado, você não sabe o que está acontecendo. As coisas estão mudando e a pesquisa é que vai mostrando isto. Eu não vejo nada na vida, principalmente na vida profissional, sem pesquisa. Eu era apaixonada por dar aula de pesquisa. Porque eu vivia aquilo (acentua com as mãos para indicar a intensidade do vivido) todos aqueles anos foram maravilhosos!

SS&S – A senhora sempre trabalhou como professora?

PROFª. DILSÉA – Não, mesmo quando eu lecionava na PUC São Paulo eu trabalhava numa Fundação de Crianças – Fundação Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga⁷ que tinha um Colégio próprio e convênios com vários outros. Quando Vicente de Azevedo⁸ a criou

⁴ Foi aluna, professora, diretora do Centro de Ciências Humanas e também reitora da PUC São Paulo.

⁵ Refere-se à professora Suzana Aparecida Rocha Medeiros, na época Coordenadora de Programa da PUC São Paulo.

⁶ Refere-se à socióloga Gilda Gouvêa Perosa.

⁷ Instituída em 1943, por José Vicente de Azevedo (1859–1944), advogado, professor, parlamentar, um dos precursores da Ação Social Católica Brasileira.

⁸ Vide nota 7.

deixou toda sua fortuna para o atendimento de crianças. Na época, eu fazia atendimento dos pedidos, dos encaminhamentos e visitava as instituições com as quais tínhamos convênio. Avaliávamos se fariamos ou não contrato com elas, e após continuávamos acompanhando as crianças e as famílias. Era um trabalho bonito! Eu trabalhava das oito da manhã até o meio dia na PUC São Paulo; entrava na Fundação as quatorze horas e saía às dezoito horas. Entrava na PUC São Paulo às dezoito e trinta horas e trabalhava até a meia noite. Sou apaixonada pela minha profissão. É uma profissão muito bonita, porque ela tem todo um arcabouço teórico sólido tanto na graduação como na pós-graduação.

Desde o início do Serviço Social a gente contou com pessoas muito capacitadas. Tivemos uma Nadir Kfour, além dela, tantos profissionais maravilhosos que continuam elevando o Serviço Social.

SS&S – Professora, considerando a sua trajetória de intensa dedicação ao ensino – que ultrapassa trinta anos – gostaríamos que nos brindasse com sua análise sobre o passado e o presente da profissão.

PROF^a. DILSÉA – Eu acho que o Serviço Social teve uma trajetória muito bonita, ele foi crescendo. Desde o início do Serviço Social a gente contou com pessoas muito capacitadas. Tivemos uma Nadir Kfour, além dela, tantos profissionais maravilhosos que continuam elevando o Serviço Social. É uma profissão que luta, que não para, que enfrentou o regime militar. É uma profissão guerreira. Os assistentes sociais sempre foram muito batalhadores, trabalham com seriedade desde os primeiros momentos. Teve no início um núcleo de mulheres maravilhosas – teve também o Professor Cortez. A bibliografia latino-americana contribuiu para o crescimento da profissão. Marilda Yamamoto e Vicente Faleiros vieram depois, quando se começou a dar substância à sua bibliografia. E hoje, a profissão tem uma publicação imensa.

SS&S – O que representou para a senhora, escrever sobre a trajetória da Assistência Social?

PROF^a. DILSÉA – Eu tive a felicidade de escrever esse livro e de ter participado do convívio dessas minhas colegas que foram a Maria Carmelita, a Aldaíza e a Carminha⁹. Foi maravilhoso escrever este livro, a Aldaíza é uma coordenadora nata.

SS&S – Para a nossa profissão, qual foi a repercussão de passar a enxergar a assistência social como política pública?

PROF^a. DILSÉA – Eu acho que foi um grande avanço para a profissão, não ficar no assistencialismo. Vê-la com uma base tanto empírica, quanto teórica. Mas, principalmente, permitiu dar esta teorização à empiria, pois ela é necessária, uma vez que ela parte do real. Desse real que a gente vive no cotidiano. Poder pensar sobre isso tendo um arcabouço teórico foi maravilhoso.

O Serviço Social está sempre se confrontando com desafios. [...] uma vez que a gente trabalha no dia a dia com a pobreza. Então, é necessário poder chegar até essa pobreza – não a pobreza nela mesma – mas às suas causas, lutar e tentar politizar as pessoas.

SS&S – Qual seria hoje um desafio para o Serviço Social?

PROF^a. DILSÉA – O Serviço Social está sempre se confrontando com desafios. O desafio é constante, uma vez que a gente trabalha no dia a dia com a pobreza. Então, é necessário poder chegar até essa pobreza – não a pobreza nela mesma – mas às suas causas, lutar e tentar politizar as pessoas. Você não conscientiza ninguém, você dá possibilidade para que essa pessoa tenha consciência do que está se passando. Então, penso que este é um dos trabalhos bonitos que não vê a assistência acabando nela mesma. Mas como uma fase que precisa ser superada. Penso que a assistência é necessária, porque nós vivemos num país muito pobre, que tem riquezas, mas que tem muita pobreza, porém praticar a assistência não é ficar no assistencialismo.

⁹ Professora Maria do Carmo Brant de Carvalho.

SS&S – A produção científica é um desafio para a profissão?

PROF^a. DILSÉA – *Penso que a gente se perde muito no cotidiano porque é muito pesado o trabalho do assistente social. O assistente social se envolve demais no trabalho cotidiano e não tem tempo para registrar. Muitas vezes o assistente social não o sistematiza. É uma pena, porque o assistente social é um profissional que tem conhecimento da vida da população. Ele tende a escrever quando está na academia, quando vai fazer um mestrado ou um doutorado.*

O assistente social se envolve demais no trabalho cotidiano e não tem tempo para registrar. Muitas vezes o assistente social não o sistematiza.

SS&S – Em sua opinião ele deveria sistematizar esse conhecimento da prática diária e deveria produzir mesmo antes de ir para a academia?

PROF^a. DILSÉA – *Isso seria o ideal, mas a vida do assistente social é muito pesada, o dia a dia dele, é muito solicitado e não sobra esse tempo. Ou nós não temos uma formação na Faculdade que nos leve a produzir e sistematizar essa nossa prática. Falta-nos ter isso mais presente, porque a experiência que o assistente social tem, possibilita conhecer a vida da população. Além disso, ele é um profissional preparado que não vê aquele caso de modo isolado, o vê no conjunto estando atento tanto aos aspectos que se assemelham, quanto às suas peculiaridades.*

SS&S – Será que na formação, na graduação deveria haver um espaço onde o docente enfatizasse para os seus alunos a importância dessa produção?

PROF^a. DILSÉA – *Na graduação ele só vai se debruçar para escrever sobre a prática, sobre a vida profissional ou sobre um outro assunto qualquer quando vai fazer o Trabalho de Conclusão de Curso. Eu acho que escrever é difícil, não vamos dizer que é fácil, você precisa ter tempo, ter hora. Eu tentei passar isto para os meus orientandos. Então você fala assim: eu não tenho tempo. Mas qual é*

o seu tempo? Qual é a hora do dia que eu posso escrever? E aí é preciso, naquela hora, ter disciplina. Você senta e não vai fazer outra coisa, só escrever. Senão você não produz nada! Hoje há muitos colegas que estão produzindo, nós crescemos muito neste campo. A experiência que o assistente social tem é muito rica.

SS&S – A senhora está apontando outro desafio que é o da sistematização da prática, sistematização do cotidiano. Agora a senhora poderia falar sobre as possibilidades da profissão?

Uma das grandes possibilidades que a profissão tem é trabalhar diretamente com as pessoas e poder desenvolver com elas um sentido crítico da situação que está vivendo.

PROF^a. DILSÉA – Uma das grandes possibilidades que a profissão tem é trabalhar diretamente com as pessoas e poder desenvolver com elas um sentido crítico da situação que está vivendo. É não achar que aquilo é o cotidiano, o rotineiro, não! Aquilo tem que ser mudado. E a pessoa tem que ter consciência de toda a situação que ela vive. Porque senão a situação nunca vai mudar, nunca vai haver uma luta coletiva para as coisas mudarem. A gente fica nos arremedos, no assistencialismo de ter que ver aquilo na hora, mas não leva a outros patamares de conscientização, de mudança. Eu também não sei: é tão difícil esse Brasil, ele é tão desigual. É um país de tanta desigualdade social! Você leva a pessoa a tomar consciência do que ela está vivendo, das grandes injustiças, da desigualdade social. Eu não sei. Às vezes eu fico pensando será que a gente vai mudar um pouco? Eu acho que as coisas estão mudando, as pessoas estão tomando mais consciência. Mas há ainda muita pobreza, muita desigualdade. Há muito que fazer, o assistente social é uma figura importantíssima porque ele está no dia a dia, em contato com a população e toma conhecimento do que se passa nesse país.

SS&S – Gostaríamos que a senhora deixasse uma mensagem para os leitores da Revista.

PROF^a. DILSÉA – Em primeiro lugar, é necessário ter o hábito da *Revista Serviço Social & Saúde. UNICAMP Campinas, v. IX, n. 9, Jul. 2010*

O assistente social é um profissional que tem uma experiência riquíssima, mas precisa não só participar, viver, conhecer o que se passa na realidade. Ele tem que se inquietar com isso.

leitura. Ler enriquece o cotidiano das pessoas, leva-nos a saber olhar a realidade de outra maneira, ensina-nos a saber observar. Quero enfatizar o valor do hábito da leitura, pois sem ele não se toma conhecimento do que está se passando. Se você não ler o que está sendo produzido você não cresce intelectualmente. E o assistente social tem uma obrigação, ele tem todas as possibilidades, mas tem que ter o compromisso com a leitura para se atualizar. O assistente social é um profissional que tem uma experiência riquíssima, mas precisa não só participar, viver, conhecer o que se passa na realidade. Ele tem que se inquietar com isso. Ele deve sempre querer que as coisas melhorem e para isso deve estar sempre buscando. A vida é uma eterna busca, ele deve estar questionando seu saber. Ele deve ser dinâmico e deve ser profundamente engajado, envolvido na vida da população e de todos os que convivem com ele. Deve ser um profissional que vive a vida em todos os seus aspectos, tanto as coisas boas como as que não são. Deve conhecer as coisas que podem ser melhoradas, saber dar pistas, saber buscar, saber entender. O projeto ético-político enfatiza não só o político, mas o ético-político. Isto é um grande desafio da nossa vida, por causa das dificuldades que estão colocadas na realidade e que limitam as nossas possibilidades de atuar de outra maneira, de achar pistas para ajudar as pessoas a encontrarem as suas respostas.

SS&S – Se a senhora tivesse que escolher uma profissão hoje, que profissão escolheria?

PROF. DILSÉA – Serviço Social, tal a riqueza que esta profissão oferece, é uma profissão que está alcançando status. Demorou mas está conseguindo status profissional, está mostrando muito quando é trabalhada em equipe. Mostrando as possibilidades que o Serviço Social tem, as capacidades que ele possui e que servem muito para as equipes. O assistente social se destaca nas equipes porque ele

Lembro aqui das assistentes sociais que lutam por este Brasil afora, que estão sempre conquistando e sempre pensando no outro.

tem garra. O assistente social tem uma coisa diferente que eu não sei precisar o que é: ele é um profissional diferenciado. Porque ele não está ali só ouvindo, ele está pensando porque aquilo ocorre, o que ele pode fazer, como ele pode conversar com a pessoa para ajudar a sair da situação. Ele não vai tirar a pessoa da situação, mas vai trabalhar com ela para tomar consciência da sua situação e encontrar com ela pistas para ir melhorando. É uma profissão lindíssima. Porque ela está no dia a dia conhecendo a vivência da população, e tem um conhecimento da realidade diferenciado. Ele trabalha com aquele cotidiano da população, de sofrimento, de dor, de alegria de toda a população, ele tem uma possibilidade de conhecer isto e de mostrar caminhos, porque não é ele que vai resolver, mas vai mostrar caminhos e lutar pelas políticas públicas. Nossa categoria é maravilhosa, nós temos o CFESS, o CRESS, a ABEPSS. Acho que o Serviço ainda tem pouco status diante do que ele poderia ter, diante do que ele faz. Ele está alcançando seu status em algumas áreas, em outras ele ainda precisa lutar. Acho que os cursos de Serviço Social deveriam valorizar muito a profissão e mostrar as suas possibilidades. Lembro aqui dos assistentes sociais que lutam por este Brasil afora, que estão sempre conquistando e sempre pensando no outro. Eu acho tão lindo isto: ele está preocupado com o dia a dia da população. É uma profissão que não tem igual.

SS&S – Professora nós queremos lhe agradecer por este carinho e pela sua rica contribuição.

PROF^a. DILSÉA – Eu é que agradeço a vocês.